

## INTRODUÇÃO

A motivação da presente investigação advém da actividade de cerca de dez anos de docência em unidades curriculares de projecto de arquitectura paisagista e da necessidade de procurar o significado dessa prática. Ao longo destes anos de envolvimento no ensino, seguimos a filosofia e prática de ensino adoptada pelas primeiras gerações de arquitectos paisagistas, onde pontualmente é possível identificar tentativas de adaptação ou adopção de novos procedimentos, baseados em conhecimentos e informação dispersa, bem como noutros estabelecidos sobre meras intuições.

Após cerca de sessenta anos de história do ensino da arquitectura paisagista em Portugal, e de quase um século depois do início da formação universitária a nível mundial, observa-se a deficiência de material sistematizado sobre métodos ou processos destes ensinamentos. Uma lacuna que é ainda mais significativa quando se observa o âmbito mais específico do ensino do projecto de arquitectura paisagista, um dos domínios centrais da arquitectura paisagista.

Ambos os motivos justificam a importância da nossa reflexão. Por um lado o interesse pessoal, e por outro lado a necessidade de ajudar a ultrapassar a referida deficiência de conhecimento, podendo trazer contribuições para algum avanço nesse domínio. Considera-se que este empenho é fundamental para a continuidade e qualidade do ensino, especialmente no quadro actual de significativa expressão da formação de arquitectura paisagista no país (cinco escolas).

O ensino de projecto de arquitectura paisagista, presentemente concretizado nas escolas de arquitectura paisagista portuguesas, segue a tradicional experiência prática em ambiente de estúdio<sup>1</sup>, onde se procura:

- Simular a actividade profissional, ao nível do conteúdo, prática e ambiente geral de trabalho;
- Integrar e aplicar, conhecimentos e competências, adquiridos noutras unidades curriculares;
- Desenvolver objectivos de ensino de modo crescente, diferenciados em função da organização do plano de estudos curricular.

---

<sup>1</sup> O significado de estúdio ou ateliê provém de oficina, onde trabalham os oficiais e aprendizes de alguma arte ou ofício. Vide palavra 'oficina' no *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*. (s.v.)

O modo e ambiente pedagógico associado ao estúdio – onde se envolvem e interligam conhecimentos teóricos a par da experiência da actividade prática de projecto, sob um regime de assistência tutorial – são significativamente diferentes do que acontece nas unidades curriculares tradicionais, em que o aluno aprende sobretudo através da exposição de conhecimentos pelo professor. Nesta estratégia de ensino trata-se a organização e desenho do espaço aberto e experimenta-se a resolução de problemas, através do desenvolvimento de exercícios práticos que propõem a aproximação a situações reais (conteúdos, contextos e intervenientes). Esta aproximação é muito idêntica ao que acontece nas escolas de arquitectura paisagista internacionais, não se verificando variações muito significativas na história das escolas em geral, nem no decurso do ensino superior da arquitectura paisagista – onde, até há pouco tempo, os professores pertenciam às primeiras gerações de arquitectos paisagistas (mestres, com uma actividade profissional intensa e reconhecida), que foram aos poucos abandonando a docência e substituídos por ex-alunos. No decurso da carreira profissional do ensino superior, estes mais recentes docentes encontram-se, cada vez menos ligados à actividade profissional e mais absorvidos com as funções académicas e com a investigação.

Há cerca de duas décadas, o arquitecto paisagista norte-americano Carl Steinitz (1990) advertia para a necessidade de uma atitude crítica, por parte dos professores, quanto ao que sabem, sobre o que fazem e ensinam. Esta postura revolucionária na óptica do ensino da arquitectura paisagista vem certamente no seguimento dos desenvolvimentos trazidos por Donald Schön (1987), de reflexão na acção e sobre a acção, sob o ponto de vista não só dos alunos como dos professores. Tal atitude ao articular-se com a necessidade de reformulação da atitude dos professores é, no presente, extraordinariamente importante no contexto das mudanças que se verificam no ensino superior. A nossa pesquisa tem origem nessas preocupações:

- Como se realiza o projecto de arquitectura paisagista?
- Como ensinamos o projecto de arquitectura paisagista?
- Como melhorar o ensino do projecto de arquitectura paisagista?

Preocupações e intenções que pressupõem a sustentação da pesquisa no campo do conhecimento da arquitectura paisagista e da educação, onde estão implicados, não só a natureza complexa daquele campo disciplinar (o que compreende aspectos específicos à prática profissional, dado que o corpo disciplinar e prática profissional se encontram obviamente entrelaçados), como a própria complexidade associada à actual cultura educativa do ensino superior. Assim, é dentro deste

contexto do ensino complexo, que se inscreve e desenvolve o ensino ao nível superior da arquitectura paisagista e, mais particularmente, o ensino do projecto em arquitectura paisagista.

De entre as principais questões que se colocam ao ensino de projecto de arquitectura paisagista, tal como a outras unidades curriculares com uma forte componente de desenho e organização espacial, interessa-nos perceber:

- Qual a filosofia que orienta o ensino do projecto de arquitectura paisagista?
- Quais os fundamentos, valores e métodos que proporcionam significado ao ensino da arquitectura paisagista?
- Quais as estratégias elementares ao ensino do projecto de arquitectura paisagista e quais as actividades práticas utilizadas neste ensino?
- Será que a ideia de transmissão e aplicação de conhecimentos e o desenvolvimento de competências deve ir mais além, daquilo que é sobretudo a configuração de uma oportunidade prática, de execução de uma série de exercícios realizados sobre casos-estudo, diferentes e casualmente relacionados?

Destas interrogações retira-se o envolvimento de componentes disciplinares e as didácticas, sobre as quais procuraremos reflectir. Na óptica das componentes disciplinares, sublinha-se uma intervenção que reflecte a justaposição de princípios ecológicos, culturais, estéticos e éticos, que se misturam de determinada maneira num dado espaço e momento. Esta base disciplinar, intrínseca à arquitectura paisagista, tem que ser naturalmente desenvolvida, explorada e consolidada no ensino do projecto, pois é a base estruturadora de toda a construção disciplinar e, conseqüentemente, da formação dos arquitectos paisagistas. Porém, a actualidade requer ver fortalecidas as questões éticas, bem como alguma afirmação pedagógica da arquitectura paisagista. Tais fundamentos – mediadores da intervenção do arquitecto paisagista entre a Natureza e Cultura – devem ser centrais ao ensino do projecto de arquitectura paisagista, devendo ser revelados a todos os níveis: na construção da estrutura curricular e nos seus conteúdos; nos pressupostos de intervenção; na discussão e reflexão sobre a arquitectura paisagista; na construção do interesse, curiosidade e motivação nos alunos; na reflexão sobre as atitudes das pessoas e valores da sociedade e Natureza. Daí que as preocupações tradicionais de proporcionar aos alunos conhecimentos e competências artísticas e técnicas (necessárias à execução de projectos de diferente natureza e elucidativas da base mencionada), devam ser colocadas a par das sublinhadas preocupações éticas e pedagógicas.

Para além deste apoio disciplinar, intervém a necessária sustentação didáctica do ensino – há que confirmar procedimentos, experimentar novas oportunidades, instrumentos e filosofias. As

questões pedagógicas mostram-se tão importantes como os saberes basilares, que orientam o acto projectual em arquitectura paisagista e a metodologia de trabalho que fundamenta o seu ensino. Desde sempre, profissionais de arquitectura paisagista enveredaram no ensino de projecto sem qualquer suporte pedagógico. A todos, independentemente das capacidades ou sensibilidades neste domínio, colocam-se variadas questões, difíceis de responder e de equacionar, entre outras:

- Quais os referentes teóricos do ensino na contemporaneidade?
- Quais as intenções pedagógicas associados à prática tradicional do ensino de projecto de arquitectura paisagista?
- Como realizar o tutorial?
- Como iniciar, entusiasmar e motivar os alunos no acto de projectar?
- Como agir face a um grupo tão heterogéneo de estudantes?
- Como integrar as questões ligadas às especificidades do lugar (objectivas e subjectivas) e eventuais contingências programáticas?
- Como lidar individualmente com o aluno na tentativa de perceber como funciona a sua ‘química conceptual’?
- Como ensinar a ter presentes princípios e valores no acto projectual?
- Como fazer aceitar aos alunos que o acto de projectar é uma experimentação constante, um vaivém de aprovações e rejeições?
- Como ajudar os alunos a instrumentalizar os conhecimentos que obtêm, de modo fragmentado, dentro do processo integrado de elaboração do projecto?
- Como orientar o trabalho individual, sem impor as nossas convicções pessoais?
- Como impedir que o desenvolvimento do trabalho valorize excessivamente as questões de comunicação gráfica sobre as de conteúdo e de significado?
- Como melhor comunicar aos alunos os resultados positivos e negativos, isto é, efectuar uma crítica construtiva dos trabalhos?

Algumas dessas preocupações têm vindo a ser, muito lentamente, levantadas em debates sobre o ensino e prática da arquitectura paisagista. Outras são já tema de investigação no âmbito de métodos e técnicas alternativas deste ensino. Aspectos como os modos de avaliação, o recurso a novas técnicas de representação, trabalhos de grupo com ensaio da liderança, são exemplificativos dos temas já trabalhados por vários educadores, entre outros, por Carl Steinitz (1990), Michel Corajoud, (1995) e John Stuart-Murray (2008).

Este conjunto de preocupações ilustra muitos dos principais problemas que surgem ao nível do ensino do projecto de arquitectura paisagista. Equacioná-los passa, naturalmente, por uma postura mais aberta ao domínio da pedagogia – José Veiga Simão, Sérgio Santos e António Costa (2002) mencionam-no, quando referem a exigência do 'Processo de Bolonha' em qualquer área disciplinar. Tais preocupações correspondem a inquietações que requerem um trabalho mais apoiado e reforçado ao nível das estratégias utilizadas e das actividades práticas que lhe estão associadas, onde é essencial a formação pedagógica dos professores. Assim, um trabalho mais informado pela pedagogia contemporânea, com subsequente avaliação, que se deseja tão sistematizada quanto possível, ao nível dos resultados apurados.

Em síntese, o ensino do projecto de arquitectura paisagista deve ser fundamentado na contextualidade contemporânea da disciplina, no enriquecimento cultural dos arquitectos paisagistas e na ciência da pedagogia – uma ideia de algum modo referida por Francisco Caldeira Cabral (1993)<sup>2</sup>, em meados do século passado, ainda que sob o ponto de vista do profissional: “(...) *a arte tem de se aprender e tem de se cultivar o espírito. Não é preciso apenas aprender o ofício, mas também cultivar o gosto, adquirir e afinar a cultura. A aprendizagem e a cultura revelam-se na qualidade do projecto.*” (p.57).

Face ao enquadramento exposto, afirma-se o propósito de uma pesquisa que procura apoios, ou sustentações mais sólidas, sobre as possibilidades de aproximação ao ensino do projecto de arquitectura paisagista. Na concretização deste objectivo, delimitou-se e caracterizou-se o objecto de estudo e analisou-se o corpo teórico que acompanha a pesquisa – a arquitectura paisagista, o projecto arquitectónico e o ensino do projecto arquitectónico e do projecto de arquitectura paisagista<sup>3</sup>. Deste percurso transversal que realizámos, chegámos a diferentes orientações (académicas, curriculares, pedagógicas e metodológicas), que nos conduzirão em ensaios futuros, no exercício das funções de docente na Universidade de Évora. Tais orientações inscrevem-se num modelo aberto, adaptável às várias realidades e dinâmicas, baseado na diversidade e na complexidade que caracterizam a nossa Cultura, bem como na natureza do processo projectual na arquitectura paisagista. Qualidades que se inscrevem dentro da 'pedagogia activa' e que distinguem a necessidade de um maior ênfase em certos aspectos, sublinhados pela teoria construtivista e sociocognitiva.

---

<sup>2</sup> O texto original é de uma palestra realizada em Londres, realizada em 1966.

<sup>3</sup> Com envolvimento das teorias e métodos de ensino mais regulares, bem como de outros entretanto experimentados.

Entre as várias possibilidades de aproximação metodológica à temática do ensino do projecto de arquitectura paisagista, por diversas circunstâncias encontrámo-nos significativamente limitados na abordagem. A opção de explorar as aproximações que fomos seguindo ao longo da nossa experiência no ensino, seria uma delas, com todas as limitações inerentes a uma abordagem centrada numa experiência marcadamente pessoal e escolhida como tema de investigação *a posteriori*. Outra possibilidade teria sido a realização de uma componente de investigação aplicada ao estúdio de projecto, por exemplo, através de ensaios variados a aplicar numa ou mais unidades curriculares de projecto ou numa estrutura curricular. Uma tarefa que levaria a um trabalho de entrevistas, inquéritos e avaliação dos resultados obtidos – só possível com a colaboração dos professores e alunos, num período alargado de tempo e em momento oportuno à sua realização – conjectura que não se possuía, dado o curto período de tempo que detínhamos e momento inconveniente no contexto da reestruturação curricular então a ocorrer. Uma outra possibilidade, empreendida sem sucesso, foi a de investigar as diferenças e semelhanças do ensino do projecto de arquitectura paisagista, num conjunto limitado de escolas de referência. Aqui encontrámos o problema da reduzida quantidade de informação disponível sobre o que é ensinado, o carácter generalista do conteúdo divulgado ou tornado acessível, e a quase total indisponibilidade de colaboração dos colegas na descrição da aproximação que realizam<sup>4</sup>.

Pelas razões referidas, limitámo-nos a proceder à análise e interpretação do debate e pesquisa realizados nas últimas décadas sobre o ensino do projecto arquitectónico. A caracterização do estado da arte, ao combinar a temática do ensino do projecto arquitectónico e o corpo de conhecimento da arquitectura paisagista, constituiu a base da pesquisa à situação actual no ensino de projecto de arquitectura paisagista. Neste sentido são referências para o presente trabalho sobre o ensino do projecto de arquitectura, os autores Donald Schön, Carl Steinitz, Michel Corajoud, Christophe Girot e John Stuart-Murray. Para tal, partimos da hipótese de que o ensino deste projecto requer várias capacidades, a serem cultivadas e orientadas (de pesquisa, interpretação, reflexão e concretização aplicada), onde se equilibram factores estéticos, éticos, culturais e ecológicos.

A reflexão realizada apoia-se então em experiências produzidas noutras áreas disciplinares, em particular na arquitectura e na pedagogia. Na área da arquitectura, pelas afinidades de uma intervenção também centrada no desenho e organização do espaço, onde se procuraram correlações aplicáveis às especificidades de actuação do arquitecto paisagista. Na área da pedagogia por se

---

<sup>4</sup> De um conjunto de cerca de doze escolas com que estabelecemos contacto, só uma respondeu ao nosso inquérito e solicitações.

procurar uma fundamentação, argumentação e regulação pedagógica. Há que salientar que neste domínio se manifestam sérias limitações decorrentes da formação básica que possuímos – em arquitectura paisagista e não em pedagogia – naturalmente com restrições quanto à investigação mais profunda das questões pedagógicas, com revelação de menor perspicácia e menos segurança neste domínio. A investigação não se apoia nas experiências realizadas nos ensinamentos artísticos, não por as considerarmos sem significado – já que o princípio fundacional da arquitectura paisagista, como ciência e arte o motiva – mas por uma necessidade de aproximação a uma disciplina que integra essas duas aproximações em simultâneo e equilibradamente, o que tem sido a prática mais corrente na arquitectura.

Para além de tal restrição a investigação foi conduzida dentro de outros limites. A segunda demarcação compreende a focagem no ensino do projecto de arquitectura paisagista e não da arquitectura paisagista como um todo, ainda que se pense serem determinantes as interdependências que se estabelecem entre ambos. A investigação mais abrangente, com uma focagem distinta, levaria à discussão de estruturas e conteúdos curriculares, enquanto a mais limitada, permite-nos uma maior aproximação aos procedimentos adoptados e às circunstâncias didácticas em que se estabelece a interacção entre professor e aluno. Nesta sequência há ainda que assinalar que nos limitámos a considerar com algum detalhe os principais aspectos ligados às escolas nacionais de arquitectura paisagista mais antigas (Lisboa e Évora), aquelas que definiram a prática da maior parte dos actuais profissionais e os métodos de ensino utilizados.

Decorrente da restrição anterior, apurou-se uma terceira limitação, relacionada com o âmbito do processo projectual. Dada a sequência de procedimentos e momentos que compreendem o processo projectual – da intenção de criação do espaço, à produção da sua expressão, até à execução da obra – centramo-nos nos dois primeiros momentos.

Os professores “(...) como qualquer outro profissional cujo desempenho deva contar com a reflexão sobre o que se faz e por que se faz, necessitam de recorrer a determinados referentes que guiem, fundamentem e justifiquem a sua actuação.” (Solé & Coll, 2001, p. 10). Tal determina que “(...) precisemos de teorias que nos forneçam instrumentos de análise e reflexão sobre como se aprende e como se ensina.” (p.11). Foi neste contexto que procurámos estabelecer um quarto enquadramento. Entre as várias teorias contemporâneas em educação, procurámos encontrar uma linha preponderante de raciocínio pedagógico, ainda que conscientes de que a educação real, como o realça Jerome Bruner (2000), nunca está confinada a um modelo de ensino ou modelo de aluno. Tal delimitação, baseada nas características do estúdio e objectivos do ensino do projecto de arquitectura

paisagista, aproximou-nos das teorias construtivista e sociocognitiva, que evidenciam designadamente, o papel de quem aprende e as condições sociais e culturais em que se aprende<sup>5</sup>. Estas teorias têm vindo a ganhar maior apoio e expressão e encontram-se agora mais potenciadas pela reestruturação curricular de adaptação dos ensinamentos à Declaração de Bolonha (1999).

A quinta delimitação realizada relaciona-se com os domínios das competências do professor. Sob o ponto de vista do ensino do projecto arquitectónico, às competências do professor para ensinar acrescem o saber no âmbito do projecto arquitectónico e da prática profissional, bem como o conhecimento cultural disciplinar e o conhecimento geral (Rowe, 2002). Na interacção que se estabelece entre o professor e o aluno, cabe ao primeiro “(...) *comunicar a mensagem científica ou educativa de modo a estimular o outro para aprender. Aprender, integrando saberes, encontrando o sentido para além da própria lógica e metodologia científica das áreas diversas de conhecimento disciplinar, aprender a questionar, a interrogar o conhecimento e a realidade.*” (Ambrósio, 2001, p.97). Prossequindo nesta linha, fomos levados a acentuar os aspectos ligados à competência do professor universitário para educar: “(...) *um conhecimento não apenas adquirido, mas construído pelos professores, enquanto professores e investigadores nas suas áreas científicas, a partir de saberes básicos indispensáveis sobre a relação educativa e formativa.*” (p. 97). Tal opção resultou da lacuna formativa, que assiste ao professor do projecto arquitectónico, uma deficiência que é comum à maioria dos professores universitários, a que há que juntar as especificidades ligadas ao ambiente de estúdio. Ainda que com esta preocupação central, acompanhou-nos sempre o cuidado de salientar as referências essenciais ligadas ao domínio disciplinar e profissional que o mesmo deve deter, manter actualizados e tratar na investigação que realiza<sup>6</sup>.

Para atingir os nossos objectivos, esta dissertação estruturou-se em cinco capítulos. Um primeiro de aproximação genérica à arquitectura paisagista, particularmente aos principais desenvolvimentos ligados ao corpo teórico e prática profissional que, desde o seu início até à

---

<sup>5</sup> Segundo Jerome Bruner (2000), tal selecção nunca é inocente, ela transmite a concepção do processo de aprendizagem e do próprio professor. Daí que a nossa investigação se tenha desenvolvido acentuando as características do ambiente de estúdio e os objectivos do ensino de projectos de arquitectura paisagista admitindo-se que, nesse processo, sejam valorizados alguns aspectos, especialmente ligados à nossa sensibilidade e experiência.

<sup>6</sup> Sistemáticamente referem-se as múltiplas integrações e articulações que assistem à intervenção na paisagem (aspectos de ordem cultural, ecológica, económica e política) e que interferem no processo de ensino do projecto. Mais, o domínio disciplinar holístico é tido como uma das principais especificidades da arquitectura paisagista, continuamente explicitado.



actualidade, acompanha, informa e fundamenta o desenvolvimento do ensino nesta área. No segundo capítulo efectua-se a caracterização do estado da arte sobre o projecto arquitectónico, entendido como a materialização do desígnio mental, realizada através das actividades de desenho arquitectónico e organização espacial. Aí são tratados os conceitos, as características, os saberes, competências e valores envolvidos e os recursos mais utilizados na actividade projectual, os modelos e, por último, confronta-se o projecto de arquitectura com o de arquitectura paisagista. Este capítulo constitui a base de fundamentação do que se segue, sobre o ensino do projecto arquitectónico, agora com o objectivo de analisar e reflectir sobre as estratégias de ensino, as actividades práticas associadas, a avaliação e as ferramentas implicadas e, conseqüentemente, apreciar a sua pertinência educativa no contexto do ensino do projecto<sup>7</sup>. Lá se encadeiam as especificidades ligadas ao ensino do projecto arquitectónico: primeiro com exploração dos referentes teóricos sobre o ensino e componentes associadas ao ensino do projecto arquitectónico e, depois, na aproximação às componentes principais, situações críticas e algumas das mais significativas inovações ou reformulações associados ao ensino do projecto arquitectónico. Segue-se o tratamento do projecto de arquitectura paisagista no quarto capítulo. Neste são explorados as especificidades, competências e componentes que estão associados a este projecto e, numa segunda parte, os objectivos, filosofias e aproximações a ser seguidas no acto de ensinar o projecto, apontando-se algumas das principais ferramentas e conceitos. O quinto e último capítulo expõe um conjunto de 24 propostas, as que pensamos mais significativas, a uma melhoria no ensino do projecto da arquitectura paisagista. Lá se inter-relacionam componentes disciplinares, académicos, curriculares e pedagógicos.

---

<sup>7</sup> Componentes facilitadoras a uma maior compreensão do processo de ensino no estúdio.

